

**O PIONEIRISMO DE VICENTE DE PAULA FALEIROS NA
INTRODUÇÃO DO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI NO
SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO NOS ANOS 1970**

*THE PIONEERING SPIRIT OF VICENTE DE PAULA FALEIROS IN THE
INTRODUCTION OF ANTONIO GRAMSCI'S THINKING IN BRAZILIAN
SOCIAL WORK IN THE 1970S*

*Ariadne Rodrigues*¹

*Ana Lole*²

RESUMO: O presente artigo consiste em uma breve análise do papel pioneiro de Vicente de Paula Faleiros ao introduzir o pensamento de Antonio Gramsci no Serviço Social brasileiro, através das obras *Trabajo social, ideologia y método* (1972) e *Metodologia e ideologia do trabalho social* (1981). As categorias gramscianas foram utilizadas por Faleiros (1972; 1981) de forma a contribuir para se repensar a profissão do Serviço Social e na articulação com os grupos subalternos. A abordagem metodológica utilizada neste texto consiste em uma análise imanente.

PALAVRAS-CHAVES: Vicente de Paula Faleiros; Trabalho Social; Antonio Gramsci.

ABSTRACT: The present article, consists of a brief analysis of the pioneering role of Vicente de Paula Faleiros when introducing the thought of Antonio Gramsci in the Brazilian Social Work, through the *Trabajo social, ideologia y método* (1972) and *Metodologia e ideologia do trabalho social* (1981). Gramsci's categories were used by Faleiros (1972; 1981) in order to contribute to

¹ Mestra e doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro da International Gramsci Society Brasil (IGS-Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8172-3769> E-mail: ariadnerodrigues_contato@yahoo.com.br

² Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Integrou a Coordenação Nacional da International Gramsci Society Brasil (IGS-Brasil), entre 2017-2022. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2991-3594> E-mail: analole@gmail.com

rethinking the profession of Social Work and in articulation with subordinate groups. The methodological approach used in this text consists of an immanent analysis.

KEYWORDS: Vicente de Paula Faleiros; Social Work; Antonio Gramsci.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em uma breve análise do pioneirismo de Vicente de Paula Faleiros (1941-) ao introduzir o pensamento de Antonio Gramsci (1891-1937) no Serviço Social brasileiro, através das obras *Trabajo social, ideologia y método* (1972) e *Metodologia e ideologia do trabalho social* (1981)³. O principal foco de Faleiros (1986, p. 111) é a proposta de um novo pensar e agir sobre o Serviço Social, com a ideia de *Trabalho Social*, que tem como objetivo “a participação decisional da população no seu próprio destino”.

O presente estudo mostra como as categorias de Gramsci aparecem nas obras de Faleiros (1972; 1981) e de que forma contribuíram para se repensar a profissão do Serviço Social e na articulação com os grupos subalternos.

Sabemos que as décadas de 1970 e 1980 foram importantes para a renovação do Serviço Social na América Latina, em especial no Brasil, aproximando a profissão da teoria social crítica. Neste contexto, Gramsci foi importante, pois a revisão teórico-metodológica da profissão recorreu fortemente a suas ideias. A sua influência “se amplifica, justamente, em paralelo aos movimentos sociais e políticos que ‘forçariam’ a interrupção do regime ditatorial brasileiro (1964-1985)” (LOLE et al., 2016, p. 3).

O presente artigo se propõe na primeira parte abordar sobre a vida de Vicente Faleiros e sua presença no Serviço Social; e na segunda parte tratar como as categorias gramscianas aparecem nas obras de Faleiros (1972; 1981). Cabe ressaltar que as limitações às obras originais de Gramsci por Faleiros darão devido a conjuntura daquele período.

³ Neste artigo usamos a sexta edição publicada em 1986, por isso nas citações diretas aparece essa data.

1 NOTAS SOBRE VICENTE DE PAULA FALEIROS

Faleiros é um nome importante quando se fala em renovação do Serviço Social, tendo relevância no campo teórico e profissional no final da década de 1970 e contribuindo com o projeto de ruptura com o tradicionalismo. Graduado em Direito pela Faculdade de Direito de Franca/SP (1966) e em Serviço Social pela Universidade de Ribeirão Preto (1966), também é especialista em planejamento pela Universidade de Brasília (UnB) e pelo Institut de Recherches en Développement (IRFED) em Paris, além de ter doutorado (PhD) pela Université de Montreal (1984) e pós-doutorados pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) em Paris (1991) e Université de Montréal (1996). Esta trajetória acadêmica nos permite notar que Faleiros começou sua formação em Serviço Social em solo brasileiro, mas teve, como já apontou Silveira Jr. (2021, p. 41), “experiência acumulada de dinâmicas alheias a sua realidade nacional”.

Segundo Carvalho (1986, p. 163-164), Faleiros parte do “pressuposto marxista de que a realidade é a gênese do conhecimento” e este está atrelado ao contexto político no qual o autor produziu sua reflexão. Concordando com tais considerações, primeiramente, destacamos a importância de se compreender o contexto histórico, político e intelectual em que o Serviço Social se encontrava no Brasil – e, de forma geral, na América Latina – a fim de se considerarem as possibilidades, dificuldades e limitações encontradas por Faleiros naquele determinado momento histórico.

A ditadura militar brasileira (1964-1985) foi um período de violência, falta de liberdade de expressão e de perseguição no meio acadêmico, que resultou no exílio de professores/as universitários/as – como foi o caso de Faleiros.

Ele iniciou sua carreira profissional e militância em solo brasileiro. Profissionalmente, era próximo das tendências progressistas do desenvolvimento de comunidade, com influência de Paulo Freire. Foi preso político e condenado no Brasil em razão de sua militância na luta contra a ditadura, junto à organização Ação Popular (AP). Buscou exílio no Chile, onde, em agosto de 1970, aceitou convite para trabalhar na Escola

de Serviço Social da Universidade Católica de Valparaíso⁴. No início da década de 1970, aquele era um país de tradição democrática que elegeria, em 1971, Salvador Allende. Segundo Silva (*apud* SILVEIRA JR., 2021, p. 49), “o clima era completamente diferente do Brasil: com liberdade, os partidos, os movimentos. A sociedade não estava congelada; o que a gente sentiu, é que a sociedade estava num processo, e que aqui no Brasil, estava tudo congelado”.

A parte mais significativa da construção teórica de seu livro *Trabajo Social, ideologia y método*, iniciado no final da década de 1960, finalizado em primórdios da década de 1970 e publicado em 1972, ocorreu no exílio chileno. Segundo Faleiros (1981), era quase impossível este livro ser editado em ambiente brasileiro devido à censura, que sufocava a cultura. O autor descreve no Prefácio da sexta edição publicada em 1986 que o “livro surgiu de uma reflexão da experiência chilena, de uma conjuntura em que não só o Serviço Social, como também toda a política de dominação, eram questionados por vastos setores da sociedade civil chilena, o que não era permitido no Brasil” (FALEIROS, 1986, p. 11). Assim, foi em um momento de mobilização popular que foi possível se pensar, no Chile, novas formas e compromissos do Serviço Social na América Latina.

Nas palavras de Faleiros, esse livro não surgiu apenas de uma crítica ao Serviço Social tradicional, mas também “de um movimento de transformação da realidade latino-americana e em especial da realidade chilena” (*apud* CARVALHO, 1986, p. 164). Em seu exílio, Faleiros teve contato com grupos de trabalhadores sociais, assim como com o projeto de Escola de Trabalho Social da Universidade Católica de Valparaíso, elaborado no início da década de 1970. Ao chegar nesta universidade, Faleiros deparou com uma greve de estudantes do Serviço Social, que buscavam “uma reformulação total da Escola, para a qual era solicitada a contribuição de Faleiros” (SILVEIRA JR., 2021, p. 49). Os estudantes propunham não apenas uma reforma da estrutura de poder na faculdade, mas uma reforma no conteúdo dos programas, a fim de firmar um compromisso com a transformação da realidade nacional – em articulação com os camponeses, operários e

⁴ Este convite, segundo Silveira Jr. (2021, p. 49), derivou da participação de Faleiros no Congresso de Serviço Social em Montevideu, em 1966.

movimentos urbanos. A reorganização da Escola almejava alterar as práticas do Serviço Social, propondo uma nova dinâmica para o ensino.

Exilado no Chile, ao escrever *Trabajo social, ideologia y método*, Faleiros, então, presenciou uma profunda renovação do pensamento latino-americano sobre o Serviço Social. Momento no qual, segundo Silva (2009, p. 75), toda a política de dominação era questionada por amplos setores da sociedade civil.

As décadas de 1970 e 1980 marcaram um momento importante de mudanças para o Serviço Social na América Latina. O Movimento de Reconceituação do Serviço Social, segundo Silva (2009, p. 79), dá-se “nos limites de uma conjuntura, situado, especificamente, nas décadas de [19]60 e [19]70, constituindo-se, portanto, num evento delimitado na história do Serviço Social”.

Para Faleiros, “é preciso situar o Movimento de Reconceituação, não como um projeto isolado e vanguardista, mas como um processo vivo e contraditório de mudanças no interior do Serviço Social latino-americano” (1987, p. 51). Assim, segundo o autor, a Reconceituação amadurecia com o confronto com as concepções conservadoras, que ainda buscavam restaurar o tecnocratismo.

A Reconceituação do Serviço Social não consiste numa revolução linear da assistência à transformação, mas na luta constante pela construção de uma sociedade sem exploração e dominação, mudando-se as relações pessoais, políticas e ideológicas e econômicas nas diferentes instituições da cotidianidade. (FALEIROS, 1987, p. 68).

De acordo com Silva (2009, p. 75), Faleiros exemplifica bem a construção de um esforço com a ruptura com o Serviço Social conservador. Para Faleiros, tratava-se de um “contexto de uma profunda mobilização popular que buscamos refletir sobre o Serviço Social, repensando coletivamente, novas formas de atuação e compromisso” (1986, p. 11). Grande número de trabalhadores sociais, segundo ele, buscava romper com as amarras funcionalistas e conservadoras da atuação profissional (FALEIROS, 1986, p. 11-12).

O processo de Reconceituação do Serviço Social consiste, segundo Faleiros, em “um corte, uma ruptura com o Serviço Social paternalista ou meramente desenvolvimentista” (1986, p. 84). Este processo de Reconceituação aponta, dessa forma, a ação do Serviço Social para as demandas das classes populares e não mais apenas para os interesses do capital, ocorrendo, assim, a necessidade de se construir um Serviço Social adequado às peculiaridades da realidade brasileira, ou seja, de um país subdesenvolvido e com uma economia dependente.

De acordo com Simionatto (1995, p. 177), o Movimento de Reconceituação “desenvolve um processo de questionamento dos referenciais teóricos e da prática profissional até então subsidiados pelas matrizes norte-americanas”. Denominada de *Trabalho Social*, a nova proposta do Serviço Social “busca diferenciar-se do *Social Work* norte-americano, não apenas aos enfoques teóricos, mas, principalmente ao ponto de vista histórico” (SIMIONATTO, 1995, p. 177). Ou seja, compreende-se que a realidade estadunidense difere da dos países da América Latina e que os modelos prontos não são viáveis para nossa realidade. Segundo Silva (2009, p. 72), a construção de uma nova forma de agir para o Serviço Social supõe todo um processo de discussão e revisão crítica, em nível teórico-metodológico, a fim de fomentar uma ação articulada com as lutas populares e tendo uma perspectiva de transformação social.

O Trabalho Social, para Faleiros, é situado “nas contradições concretas do modo de produção capitalista. [E] [...] esta ideologia não visa somente denunciar, mas propor uma mudança deste sistema por outro, a partir de suas contradições” (1986, p. 41). Constitui-se a partir deste compromisso concreto, uma práxis de transformação do sistema, por meio da vinculação com as organizações populares. “Faz-se apelo ao homem dominado como classe e como sujeito protagonista da transformação, capaz de rejeitar a dominação, a submissão, a manipulação, no confronto com as classes dominantes e em razão de sua situação estrutural nas relações de produção” (FALEIROS, 1986, p. 41).

Para Carvalho (1986, p. 163), “a construção teórica de Vicente de Paula Faleiros constitui uma das contribuições mais significativas no processo de constituição do Trabalho Social” e, segundo Simionatto (1995, p. 189), a reflexão de Faleiros é uma das

mais importantes no processo de ruptura com o Serviço Social tradicional na década de 1970, pois o autor faz “uma denúncia à inconsistência dos referenciais teóricos do Serviço Social e às suas formas de prática pautadas numa perspectiva empirista, tecnicista e pragmática”.

Foi no movimento de reconceituação que o Serviço Social teve o seu primeiro contato com o pensamento marxista e, neste momento, iniciou-se um debate em busca de uma orientação teórico-prática para a profissão. A teoria marxista é a que melhor fornece base para analisar as relações complexas e contraditórias que se estabelecem na sociedade, no âmbito dos conflitos e da luta de classes, assim como na relação capital *versus* trabalho – com a produção e reprodução do capitalismo.

2 AS OBRAS *TRABAJO SOCIAL, IDEOLOGIA Y MÉTODO E METODOLOGIA E IDEOLOGIA DO TRABALHO SOCIAL*

A primeira obra, *Trabajo social, ideologia y método* (1972), trata-se de uma edição em espanhol, publicada pela Editorial Libreria ECRO – Buenos Aires, Argentina. José Paulo Netto observa que:

[...] exilado desde 1970, este profissional incide fortemente sobre as vanguardas progressistas [do Serviço Social brasileiro] a partir da publicação, em Buenos Aires, do seu primeiro trabalho significativo – que, circulando muito discretamente no Brasil, em função das condições sociopolíticas da época, constituiu obra basilar como insumo para a emergência e desenvolvimento da intenção de ruptura” (NETTO, 2006, p. 272-273).

A obra de Faleiros publicada em 1972 apresenta, segundo Carvalho (1986, p. 166), um avanço qualitativo do pensamento crítico, tentando romper com o conservadorismo da profissão e aderindo ao marxismo. Neste livro, de fato, Faleiros já fundamenta seu pensamento em Marx, e Gramsci aparece de forma pioneira, sendo este o primeiro livro de um autor do Serviço Social brasileiro que faz referência ao teórico sardo⁵. Gramsci é

⁵ Faleiros faz referência a Gramsci ao tematizar a questão da ideologia, mas fundamenta-se, principalmente, em Althusser. Também utiliza Marx, Engels, Mao Tsé-tung, dentre outros, em sua primeira obra.

citado quando Faleiros tematiza a questão da ideologia, entretanto, aparece sem constar nas referências bibliográficas, através de apenas uma breve e imprecisa citação: “La ideología asegura la cohesión social, una hegemonización de la sociedad. Según Gramsci es el cemento de la estructura social y está presente en toda vivencia humana” (FALEIROS, 1972, p 33). Apesar da forma curta e pouco precisa, Simionatto destaca que Faleiros “é o primeiro profissional no Brasil e provavelmente na América Latina a utilizar o pensamento gramsciano nas reflexões sobre o Serviço Social” (1995, p. 188). O pensamento de Gramsci nos trabalhos de Faleiros ajuda a compreender o trabalho profissional e analisar as conexões entre dinâmica social e dinâmica institucional, assim como a correlação de forças entre as classes na sociedade capitalista.

A obra de 1972, segundo Carvalho (1986, p. 165), representou, na época, um avanço em termos de construção teórica do chamado *Trabalho Social*, apontando uma proposta na qual o trabalhador social já tinha uma posição no processo de transformação da sociedade. Faleiros, a partir da fundamentação marxista de seu pensamento, formula a proposta, então, de Trabalho Social, que consiste em uma alternativa em busca de se criar um novo fazer profissional, construída a partir de uma base teórica que contemple as classes subalternas e não mais as classes dominantes. Carvalho (1986, p. 23) aponta cinco temas como referência dentro do Trabalho Social: posicionamento da profissão, referência da ação profissional, natureza da ação profissional, função social da profissão e intervenção profissional na realidade social⁶.

Sendo assim, a proposta de Trabalho Social expressa alterações relevantes na base teórica do Serviço Social, o que expressa um avanço pioneiro do movimento de reconceituação da profissão. Pelo fato de o livro ser escrito em território chileno e publicado primeiramente em Buenos Aires, ele tem relevância não apenas para o Serviço Social brasileiro, mas para as mudanças que ocorriam no interior das formulações sociais latino-americanas.

⁶ Para Carvalho (1986, p. 214), a obra de 1972 “emprega a denominação ‘Trabalho Social’ indistintamente, alternando o seu uso com a denominação ‘Serviço Social’”.

Segundo Carvalho (1986, p. 23), a formulação de Vicente Faleiros é uma das que apresentam maior consistência no âmbito da produção teórica da reconceitualização e busca “definir uma nova proposta de ação profissional comprometida com o projeto da classe dominada”. Assim, a proposta de Faleiros é contra-hegemônica, tendo como finalidade o processo da práxis transformadora, da práxis libertadora.

Entretanto, o próprio Faleiros reconhece os limites de sua obra inicial, apontando que esta “propõe-se apenas a delimitar marcos hipotéticos para investigações posteriores, indicando, portanto, a ideia de um processo em construção” (*apud* CARVALHO, 1986, p. 167).

Carvalho (1986, p. 166) aponta que há uma certa confusão de perspectiva de análise na obra de 1972, “uma mistura de posições referentes a momentos diversos no pensamento de Faleiros”. Apesar de a autora apresentar a importância da obra em meio à mudança teórica do Serviço Social brasileiro, ela também realiza uma crítica em relação a este primeiro livro:

Nesta obra original, a construção teórica de Faleiros revela a falta de uma coerência interna por reunir, sem a devida sistematização, produções específicas – artigos, conferências, aulas – elaboradas em diferentes épocas dentro de momentos diversos no processo de constituição do seu pensamento. (CARVALHO, 1986, p. 165).

Segundo Carvalho, o próprio autor, Vicente Faleiros, reconhece que na obra de 1972 “não existe um trabalho unitário” nem “a pretensão de uma coerência sistemática entre os capítulos” (1986, p. 165-166).

Faleiros ficou exilado no Chile entre os anos de 1970 e 1973, momento em que as ideias de Gramsci eram por ele mencionadas, mas não aprofundadas ainda, segundo Silveira Jr. (2021, p. 51). Em 1974 foi para o Canadá, onde ficou até 1979 – antes do seu retorno ao Brasil. A experiência naquele país sedimentou uma inclinação teórico-política em prol das lutas populares. Faleiros encontrou na cidade de Quebec um quadro de conflitos urbanos, reflexo da crise de 1970, cujo foco era a luta contra a especulação

imobiliária, que visava a expulsar trabalhadores pobres do Centro, com a remoção de moradias operárias.

Segundo Silveira Jr. (2021, p. 55), no Canadá, Faleiros se vinculou à Universidade de Laval, onde trabalhou como professor visitante. Nesta instituição, encontrou um grupo ligado aos processos de intervenção comunitária, que estava articulado a movimentos sociais e questionava o papel do Serviço Social. Faleiros atuou com um dos professores de “organização comunitária” e em 1975 participou do Groupe de Recherche en Action Populaire (GRAP). O GRAP desenvolveu um projeto de pesquisa-ação sobre o impacto das lutas populares por condição de vida entre 1975 e 1980. Neste projeto, Faleiros assumiu a linha de estudos sobre a segurança de renda, com o tema “as assistidas sociais, trabalhadoras superexploradas” (SILVEIRA JR., 2021, p. 57). Foi a partir deste trabalho com o GRAP que Gramsci passou, efetivamente, a fazer parte das reflexões de Faleiros sobre o Serviço Social:

É palpável como essa recepção e assimilação de Gramsci ocorrem atreladas às necessidades de formação e intervenção profissional na experiência do GRAP e do ROCQ com “organização comunitária”. E ali, por exemplo, a própria concepção de hegemonia (nos termos usados, “contra-hegemonia”) difusamente associada à dinâmica organizativa necessária às práticas participativas com segmentos abstratamente determinados em termos da sua posição e projeto de classe. Insinua-se, desta vez, uma tendência para a instrumentalização prática (ao nível das alternativas profissionais e militantes) do aparato teórico-metodológico que Gramsci apura nos *Cadernos do cárcere* para análise das lutas de classes e do processo de constituição do proletariado enquanto classe dirigente. (SILVEIRA JR., 2021, p. 57-58).

Foram, portanto, as determinações históricas, políticas e culturais dos países nos quais Faleiros passou que o levaram a utilizar o pensamento gramsciano em suas reflexões sobre o Serviço Social:

[...] o fato de trabalhar com os movimentos [...] sociais me levou a ler Gramsci. Eu comecei lendo o livro da Antonietta Macciocchi, *A favor de Gramsci* e, inclusive, ela veio a Montreal e eu a convidei para ir a Quebec. E foi a primeira vez que Gramsci foi comentado, de uma maneira explícita. Na Universidade Laval, foi através do

Departamento de Serviço Social. [...] E, aí, ela colocou um pouco a visão que ela tinha de Gramsci, sua experiência. A conferência que ela deu foi muito corrida; eu fui buscá-la em Montreal no meu carro... tudo isso, e tive na viagem conversas com ela e foi aí que eu comecei a estudar mais profundamente Gramsci. E eu comecei com a *Antologia* de textos... Porque até o marco teórico da nossa pesquisa não é gramsciano; é poulantziano... E a partir da visita de Macciochi é que eu começo a me interessar mais por Gramsci. (FALEIROS *apud* SILVEIRA JR., 2021, p. 58).

As duas obras de Faleiros (1972; 1981) foram escritas em meio a um período extremamente conturbado no cenário da América Latina e tais peculiaridades impediram que a sua reflexão sobre a obra de Gramsci fosse feita sem interferências. Apenas em 1975 chegou a público uma edição italiana mais complexa dos *Cadernos do cárcere*, o que colocou limites aos estudos de Faleiros, principalmente em relação ao livro de 1972. Quando Faleiros escreveu sobre o autor italiano, não havia ainda uma edição favorável dos *Cadernos* disponível. Compreendendo-se a limitação do contexto histórico e também o da publicação das obras de Gramsci, entendemos que o material encontrado por Faleiros no final da década de 1970 foi bem diferente do das edições que temos hoje.

A presença mais encorpada do pensamento de Gramsci em Faleiros é resultado de aprofundamento teórico do autor, como apresentado. Ao retornar ao Brasil no final da década de 1970, ele encontrou um cenário propício, diante do processo de reconceituação do Serviço Social, para a difusão de suas ideias e do pensamento gramsciano. Desta forma, o autor sardo teve seu pensamento apropriado por Faleiros ao atualizar sua obra de 1972 e a publicá-la em 1981.

A obra *Metodologia e ideologia do trabalho social*, publicada em sua primeira edição em 1981 é uma revisão ampliada e revisada do original, *Trabajo social, ideologia y método*, e foi publicada pela Cortez Editora, São Paulo, Brasil. Veio à luz após a abertura política e o processo de redemocratização do Brasil. Em meio a uma obra e outra, o Serviço Social passou pelo seu processo de reestruturação teórica e o pensamento de Gramsci passou a fazer parte das bases teóricas da profissão. O autor sardo trouxe

contribuições significativas para se pensar também o instrumental da ação profissional dos assistentes sociais.

Nesta obra de Faleiros (1981), o autor faz uma análise crítica do Serviço Social latino-americano e propõe um novo agir profissional para os assistentes sociais. Dentre os temas encontrados nesta obra estão: ideologias; sujeito e objeto no Serviço Social; positivismo e dialética; sistematização, além de tratar, especificamente, da ação política e teoria dialética da reconceituação. Segundo Carvalho (1986, p. 168), “Faleiros consegue, na edição brasileira de 1981, superar efetivamente a falta de coerência interna bem marcada na obra original”, pois ele faz uma revisão geral e significativas alterações no processo de construção teórica, como a inserção mais ampla do pensamento de Gramsci. Tais mudanças são verificadas devido à mudança histórica que estava ocorrendo.

O pensamento de Gramsci aparece na ideia central do texto de Faleiros (1981), principalmente nos capítulos: 2, *Ideologias do Serviço Social*; 7, *Problemática da conscientização*; e 8, *Reconceituação: ação política e teoria dialética*⁷. O teórico sardo é utilizado, principalmente, ao ser levantada a problemática da ideologia, conscientização, organização e luta dos subalternos. Entretanto, as ideias de Gramsci tiveram pouco aprofundamento por Faleiros (1981) também nesta obra, aparecendo apenas de forma geral e secundária, para afirmarem as ideias centrais do autor.

Louis Althusser (1918-1990) recebeu destaque nas décadas de 1960 e 1970 por ser reconhecido por sua contribuição para a renovação do estudo do marxismo, principalmente em relação à “ideologia”. O estudo de Althusser por Faleiros, segundo Silveira Jr. (2021, p. 53), remete aos finais da década de 1960 e a sua experiência, ainda em solo brasileiro, na Ação Popular. De acordo com Faleiros (*apud* SILVEIRA JR., 2021, p. 53), “naquela época a gente achou interessante as novas colocações que ele trazia e eu acho que realmente ele teve um papel inegável, porque o marxismo estava fossilizado no stalinismo e aí ele renovou a discussão”. Faleiros, em uma entrevista a Silva (*apud*

⁷ Gramsci é citado no capítulo 8, que foi escrito de forma inédita para a edição brasileira. Entretanto, Gramsci é citado ao lado de Michael Foucault na abordagem sobre a questão do “poder”. Note-se que o pensamento de Foucault aparece apenas neste capítulo, não tendo ligação com os anteriores e não aparece de forma sistemática ou aprofundada.

SILVEIRA JR., 2021, p. 52) afirma que a principal fonte de suas análises eram as obras diretas de Karl Marx e não Althusser:

Olha, a gente lia Marx, mesmo. Porque a nossa intenção não era ler Althusser... Essa história de que Valparaíso é althusseriano, não sei de onde surgiu... eu não vejo nenhuma marca definitiva [...] Havia uma discussão da “Ideologia Alemã” ... Nós fizemos um seminário profundo sobre as teses de Marx sobre Feuerbach, com o Victor Farias que estava chegando da Alemanha, depois de oito anos de estudar Marx... Fizemos estudos também do “18 Brumário”, fizemos estudos do primeiro capítulo do “O capital”, sobre mercadoria. Então era uma leitura bastante clássica. (*apud* SILVEIRA JR., 2021, p. 52).

Entretanto, a obra de 1981 de Faleiros aparece com grande presença do pensamento de Althusser. O pensamento marxiano permeia todo o texto, mas é utilizado de forma secundária, assim como o de Gramsci. A categoria de “ideologia”, que é central nas obras de 1972 e 1981 de Faleiros, é vista a partir da definição principalmente de Althusser⁸ e não de Marx diretamente.

O pensamento de Marx é, então, principalmente utilizado a partir de intérpretes e não diretamente de seus textos. O mesmo ocorre com o pensamento de Gramsci. Não

⁸ A compreensão de Althusser e Gramsci em relação à questão ideológica tem similaridades e divergências. Ambos partem da mesma base, Karl Marx, entretanto, os autores tomam caminhos diferentes. Em Althusser (1996, p. 126), “a ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. Ou seja, a ideologia é projetada imaginariamente pelo homem, que a reproduz em sua realidade, não é algo real. Althusser (1996, p. 126) descreve por ideologia um pensamento que não é verdadeiro, como, por exemplo, mitos, imagens e conceitos – representações não científicas. Trata-se de concepções de mundo contrapostas à ciência, “que constituem uma ilusão” e que “só precisam ser “interpretadas” para que se descubra a realidade do mundo que está por trás dessa representação imaginária desse mundo (ideologia = *ilusão-alusão*)”. Faleiros (1986, p. 28) compreende que Althusser define ideologia como “representação da relação **imaginária** entre os indivíduos e suas condições reais de existência, uma relação de ilusão-alusão à realidade”. A ideologia, segundo Althusser (*apud* FALEIROS, 1986, p. 28), “representa não as relações de produção, mas a relação (**imaginária**) dos indivíduos com as relações de produção, com uma experiência material corporificada em aparelhos, atitudes, comportamentos e normas” (grifo nosso). As lutas das classes no plano ideológico são, para Althusser (*apud* FALEIROS, 1986, p. 29), “lutas espontâneas, cegas e só com a ajuda da ciência marxista o operariado pode libertar-se da ideologia burguesa”. Sendo necessário buscar, “no plano teórico, uma sólida fundamentação científica e, no plano prático, participando da luta ideológica, política e econômica das classes subalternas protagonistas do processo de transformação social” (FALEIROS, 1986, p. 26). Segundo Faleiros (1986, p. 29), o aspecto mais contestado da teoria althusseriana da ideologia é “a oposição entre ideologia e ciência, opacidade e transparência”, no qual “a ciência produz o conhecimento teórico, libertando do empirismo o sujeito e libertando o movimento operário da ideologia burguesa por intermédio da ciência marxista”. Entretanto, no ponto de vista de Faleiros (1986, p. 29) “quando Althusser contrapõe ciência à ideologia, ele não está dizendo que a ciência é verdadeira ou que a ideologia é falsa”. Entretanto, não cabe ao escopo deste trabalho analisar esta questão, apenas apontar que a existência dela, a fim de mostrar que a categoria em Gramsci tem um sentido diferente do que é apresentado por Althusser.

cabe ao presente texto analisar as categorias gramscianas presentes na obra de Faleiros (1981), restrinjo-me apenas a apontar que o pensamento gramsciano é desenvolvido ali, em meio aos demais autores.⁹ Há, assim, devido ao ecletismo teórico no texto de Faleiros (1981), distorções na apreensão e divulgação do pensamento de Gramsci – sendo o pensamento althusseriano utilizado como fonte principal. Não há grandes problematizações e aprofundamento em relação ao pensamento gramsciano, que é utilizado nesta parte, de forma problemática, como um complemento ao pensamento de Althusser.

O livro de 1981 aponta para a intenção de construção de um novo tipo de sociedade, que atenda as reais necessidades dos subalternos. Sendo assim, este material traz uma perspectiva revolucionária, na qual os grupos subalternos, através da organização e da conscientização, unem forças a fim de transformar a sociedade e construir um novo bloco histórico. Segundo Faleiros (1986, p. 39), esta perspectiva revolucionária não se gestou na cabeça de um indivíduo determinado, mas na luta de classes, implicando uma concepção de mundo vinculada aos interesses das classes dominadas ou subalternas. A ideologia revolucionária é “uma ideologia dominada, reprimida, mas em luta, vinculada à luta pelo poder e desenvolvida pelas classes dominadas em todos os terrenos: sindical, partidário, urbano, institucional etc.” (FALEIROS, 1986, p. 40). É na luta que as classes dominadas vão modificando sua ideologia.

Embora o pensamento de Gramsci seja nítido na reflexão de Faleiros (1981) em relação à problemática da conscientização, organização e luta dos trabalhadores, suas ideias são apenas pinceladas, sendo Paulo Freire o principal autor utilizado para a análise desta questão. O pensamento de Gramsci aparece com algumas ideias e categorias isoladas pensadas a partir de intérpretes – sendo assim, pouco se tem diretamente das obras de Gramsci.

⁹ Cabe observar que Faleiros (1981) se mostra contrário a leituras puramente economicistas das obras de Marx. Entretanto, ao utilizar o pensamento de Gramsci para superar a visão mecânica da problemática da superestrutura, Faleiros (1981) não privilegia o pensamento de Marx, Engels ou Gramsci, mas sim o de Althusser e Poulantzas.

O único livro de Gramsci presente na bibliografia da obra de Faleiros de 1981 é a versão portuguesa de *Introdução à filosofia da práxis*, edição de 1978. Com isso, notamos que o contato de Faleiros (1981) com as obras de Gramsci se deu de forma limitada – sendo nítida a falta de análises mais consistentes e sistemáticas da obra do teórico sardo. O pensamento gramsciano aparece de forma confusa por estar misturado com as ideias de outros autores e por ter sido apreendido, principalmente, a partir de intérpretes de Gramsci – e não pela leitura rigorosa do próprio italiano.

Assim, a incorporação de Gramsci por Faleiros na obra de 1981 ainda é problemática. Na nota 8, página 103, da sexta edição de *Metodologia e ideologia do trabalho social*, de 1986, Faleiros aponta alguns autores paralelos que serviram de influência em seus estudos gramscianos: “Para o estudo do conceito de hegemonia, ver, entre outros: Gruppi, Luciano. *O Conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio, Graal, 1980; Anderson, Perry. *Sur Gramsci*. Paris, Maspero, 1978; Portelli, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Rio, Paz e Terra, 1977” (FALEIROS, 1986, p. 103).

Esta nota nos permite observar que o estudo do pensamento de Gramsci presente no texto em análise é constituído pela leitura de autores que escreviam sobre o pensamento gramsciano na segunda metade da década de 1970. Apesar de alguns destes textos estarem em português, os autores citados por Faleiros não são brasileiros – o que mostra seu pioneirismo ao trabalhar com o pensamento de Gramsci. Luciano Gruppi é italiano, Perry Anderson é britânico e Hugues Portelli é argelino. Além destes, também é utilizada como referência bibliográfica a francesa Christine Buci-Glucksmann, que aparece na nota 7, com a obra *Gramsci e o Estado* (Rio de Janeiro, Paz e Terra). Como mencionado, a única obra de Gramsci citada por Faleiros é *Introdução à filosofia da práxis*, sendo utilizada a versão portuguesa da editora Antídoto. Tal ausência das obras de Gramsci pode ser explicada pelo contexto histórico brasileiro, no qual apenas no final da segunda metade da década de 1970 o pensamento gramsciano foi mais difundido.

Notamos, assim, que a obra de 1981 não foi escrita com base apenas em traduções do pensamento original de Gramsci, mas, principalmente, a partir de interpretações de autores sobre as categorias gramscianas. Em princípio, não é problema se valer de textos

de outros autores para debater um terceiro autor; entretanto, ao se analisar a bibliografia utilizada por Faleiros (1981), notamos que este autor fez isso sem a leitura mais aprofundada e ampla do próprio autor dos *Cadernos do cárcere*.

Faleiros também se vale de Gramsci ao unir a comunicação e a conscientização dos subalternos em torno da conquista pela hegemonia. Para o autor, “na luta por sua libertação, surgem distintas frentes para os movimentos sociais, de acordo com as condições concretas, as correlações de forças e sua luta pela hegemonia. É necessário situar o trabalho de comunicação e conscientização dentro do conceito de hegemonia” (FALEIROS, 1986, p. 103). O uso da categoria hegemonia está aqui ligado à de “bloco histórico”, como mostra o seguinte parágrafo: “Hegemonia significa em primeiro lugar a conquista do consenso das classes dominadas pela capacidade de direção das classes dominantes. Significa também a capacidade que a classe operária tem de conquistar as consciências de seus aliados na formação de um novo bloco histórico” (FALEIROS, 1986, p. 103).

Para Faleiros, a burguesia e o proletariado são as classes fundamentais da sociedade capitalista e perfazem uma relação de exploração e dominação. Entretanto, em torno destas classes, encontra-se uma correlação de forças. Para Gramsci, segundo Faleiros, “no bloco histórico as forças materiais são o conteúdo e as ideologias a forma. [...] as ideologias orgânicas ‘formam o terreno em que os homens se movem, adquirem consciência, lutam’” (FALEIROS, 1986, p. 30). Faleiros aponta que Gramsci teoriza a ideologia como sendo a partida para a ação prática, pois as ideias se configuram em ação política. Dentro desse processo, está em jogo a formação de um bloco histórico no qual as forças materiais e as ideologias interagem. Sendo assim, a questão ideológica em Gramsci é vista em Faleiros (1981) como elemento que constitui força, através da organização das classes subalternas, para se formar um novo bloco histórico – sendo esta a principal colaboração do teórico sardo na obra de Faleiros, mesmo que sem aprofundamento e de forma muito geral.

Faleiros (1981) aponta o Serviço Social como inscrito na superestrutura da sociedade – sendo uma profissão permeada por lutas ideológicas e que pode contribuir

para a formação de uma nova hegemonia, ao lado das classes dominadas. Este traz a proposta do Trabalho Social, ou seja, um novo Serviço Social, participante da transformação social junto com os protagonistas dessa transformação: as classes subalternas. Para Faleiros (1981) é importante que os assistentes sociais participem das lutas dos homens dominados de forma a colaborar com a criação de projetos alternativos de sociedade. Ao se propor a criação de um novo tipo de sociedade, o Serviço Social é requisitado para estar ao lado dos subalternos neste processo. As categorias gramscianas “Ideologia” e “Filosofia da Práxis” são utilizadas para Faleiros (1981) fazer esta reflexão.

Por fim, para se pensar esta nova atuação profissional dos assistentes sociais e a articulação com os subalternos, é preciso transformar as práticas do Serviço Social, optando por um novo direcionamento teórico-prático. O Serviço Social, ao escolher ser o instrumento de libertação das classes subalternas e oprimidas, necessita repensar suas próprias práticas profissionais, a fim de as colocar em colaboração com as lutas sociais. Isso exige, segundo Faleiros (1986, p. 72), “uma vinculação às lutas e aos interesses das classes subalternas, no seu movimento de luta contra as classes dominantes”. Esta aliança entre os assistentes sociais e os grupos subalternos buscava uma atuação profissional que fosse coerente com os grupos subalternos, o que “exigia um COMPROMISSO com as classes dominadas nesse processo de luta pela transformação social” (FALEIROS, 1986, p. 72, grifos do autor).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, compreendemos que, devido a limitações históricas, Faleiros (1981) não se inspirou em uma leitura aprofundada das obras de Gramsci para formular seu próprio pensamento, mas a utilizou da forma que lhe foi possível naquele determinado momento histórico. Apesar das dificuldades encontradas ao utilizar o pensamento de Gramsci, Faleiros deixou um trabalho de grande importância devido ao seu pioneirismo, permitindo-se uma primeira aproximação do Serviço Social com Gramsci na década de 1970 e a introdução do teórico sardo, na década de 1980, no processo de reconceituação do Serviço Social.

Reconhecemos, então, a importância do pioneirismo do pensamento gramsciano na obra de Faleiros (1981). Embora introduzidas com distorções, limitações e em meio a autores, por vezes, contraditórios, as categorias gramscianas foram utilizadas por Faleiros de forma a contribuir para se repensar a profissão do Serviço Social e a articulação com os grupos subalternos. Lançou as bases para se pensar na organização dos subalternos e em sua luta ideológica – a fim de se construir um novo bloco histórico. Foi, assim, de grande contribuição para se pensar em uma proposta de um novo pensar e agir sobre o Serviço Social, com a ideia de *trabalho social*. Além disso, a obra de Faleiros se movimenta junto com o processo de reconceituação do Serviço Social, acompanhando as mudanças históricas que ocorriam na América Latina nessa área. A obra de Faleiros não traz grande aprofundamento do pensamento de Gramsci, mas se soma às demais produções brasileiras no processo de reconceituação da década de 1980 e se faz importante para se repensar a profissão nos países latino-americanos em geral.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

ARAÚJO, Ariadne A. Rodrigues de. **A influência do pensamento gramsciano na obra de Vicente de Paula Faleiros, Metodologia e Ideologia do Trabalho Social**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social), Curso de Graduação em Serviço Social, Instituto de Humanidades e Saúde, Campus Universitário de Rio das Ostras, Universidade Federal Fluminense, Rio da Ostras, 2021.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. **A questão da transformação e o trabalho social: uma análise gramsciana**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Metodologia e ideologia do trabalho social**. São Paulo: Cortez, 1981.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Metodologia e ideologia do trabalho social**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Saber profissional e poder institucional**. São Paulo: Cortez, 1987.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Trabajo social: ideologia y método**. Buenos Aires: ECRO, 1972.

GRAMSCI, Antonio. **Introdução à filosofia da práxis**. 2 ed. Lisboa: Editora Antídoto, 1978.

LOLE, Ana et al. Produção Bibliográfica de Gramsci no Brasil: uma análise preliminar. **Práxis e Hegemonia Popular**, Marília, v. 1, n. 1, 2016.

NETTO, José Paulo. A construção do projeto ético-político do serviço social. In: MOTA, Ana Elizabete et al. (Org.). **Serviço social e saúde: formação e trabalho profissional**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. **O serviço social e o popular**. resgate teórico-metodológico do Projeto Profissional de Ruptura. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVEIRA JR., Adilson Aquino. **Gramsci no serviço social: o debate do significado social da profissão**. São Paulo: Câmara Brasileira dos Livros, 2021.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social**. São Paulo: Cortez, 1995.

Recebido em 12 de fevereiro de 2023

Aceito em 13 de abril de 2023

Editado em maio de 2023